

História da Arte Brasileira - Modernismo século XX



Lasar Segall, em foto de 1919

100 anos de Segall Exposição

Prof. Dr. Percival Tirapeli



No Museu Lasar Segall estão expostas 50 obras do acervo – entre elas, quatro das 52 apresentadas em 1913: as pinturas *O Violinista* e *Leitura*, o pastel *Asilo de Velhos*.

- **desenho *Volendam* (acima)**

O museu também abriga **60 fotografias** do acervo pessoal de Segall, que mostram o artista em cenas de família, no trabalho e sua convivência com outros artistas– uma geração de arquitetos modernistas do Brasil.



Homem com violino, 1909.

Biografia

Nascido na Lituânia, em 1891, Lasar Segall estudou artes em Berlim, na Alemanha, e mudou-se para o Brasil em 1923, onde iniciou uma "fase brasileira" em sua obra.

A primeira exposição de Segall no Brasil foi em março de 1913, em São Paulo, em que apresentou trabalhos de transição entre o impressionismo e o estilo pessoal que começava a se delinear.

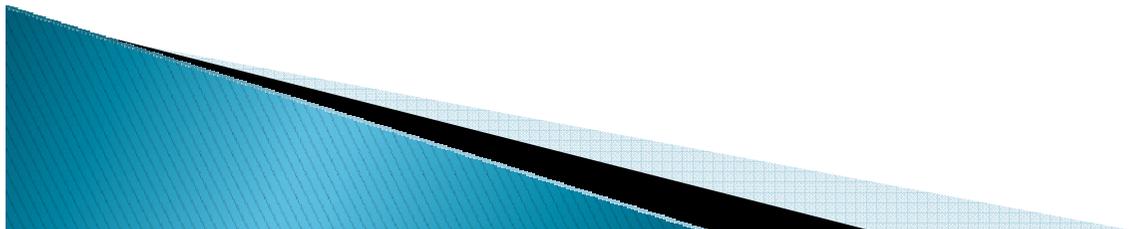
100 Anos de Segall

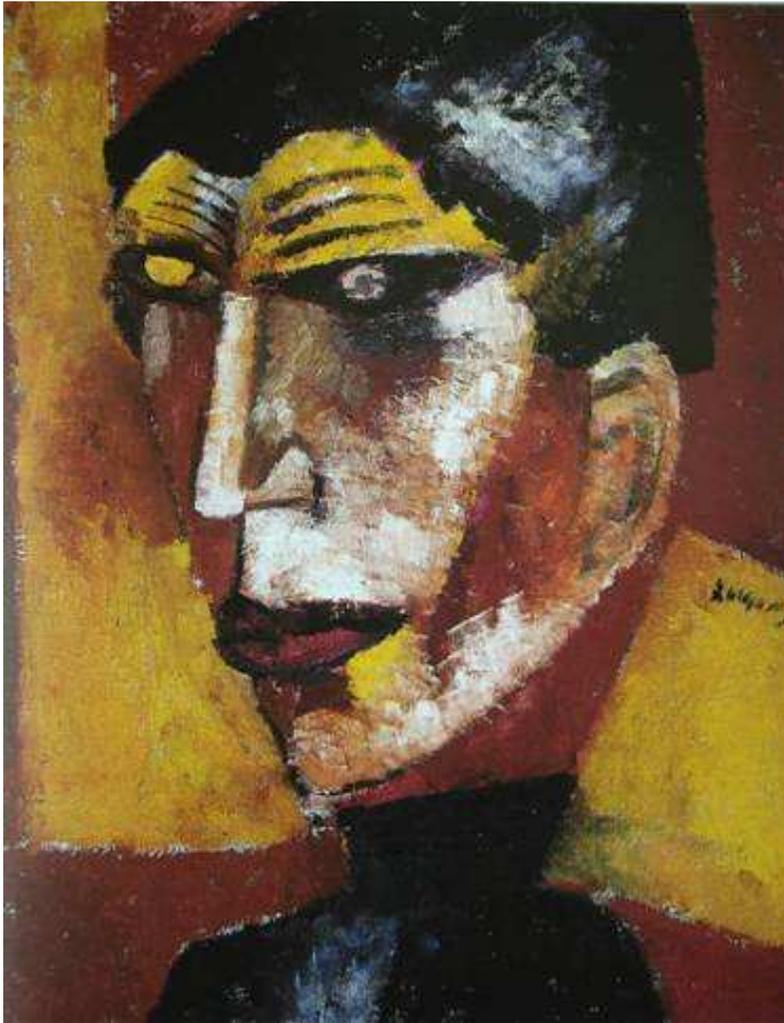
Para comemorar os 100 anos da primeira exposição de **Lasar Segall** (1891-1957) no país, o Museu Lasar Segall apresenta exposição com obras de seu acervo, que tem mais de 3 mil itens: pinturas a óleo, pinturas sobre papel, esculturas, gravuras e desenhos, incluindo anotações e projetos para cenários e figurinos.

A curadora da exposição, Vera d'Horta, disse que o estranhamento na **primeira mostra de Segall** se deve aos traços modernistas dos trabalhos.

Os traços vigorosos foram chamados de “exageros” ou até “defeitos” pelos críticos desapareceram com o amadurecimento como pintor. “O próprio vocabulário da crítica denota a expectativa quanto a estética da pintura. Uma arte mais acadêmica, clássica, enquanto a arte dele era um pouco convulsa demais para esses padrões”, disse.

Além das pinturas e gravuras, a exposição 100 Anos de Segall traz documentos do arquivo pessoal de Segall, como as cartas aos amigos alemães com relatos sobre a viagem ao Brasil. Depois de 8 meses no país, Segall retornou à Europa. O pintor só viria definitivamente para o Brasil em 1923.





Auto retrato II, 1919.
0,65 x 58,5cm.

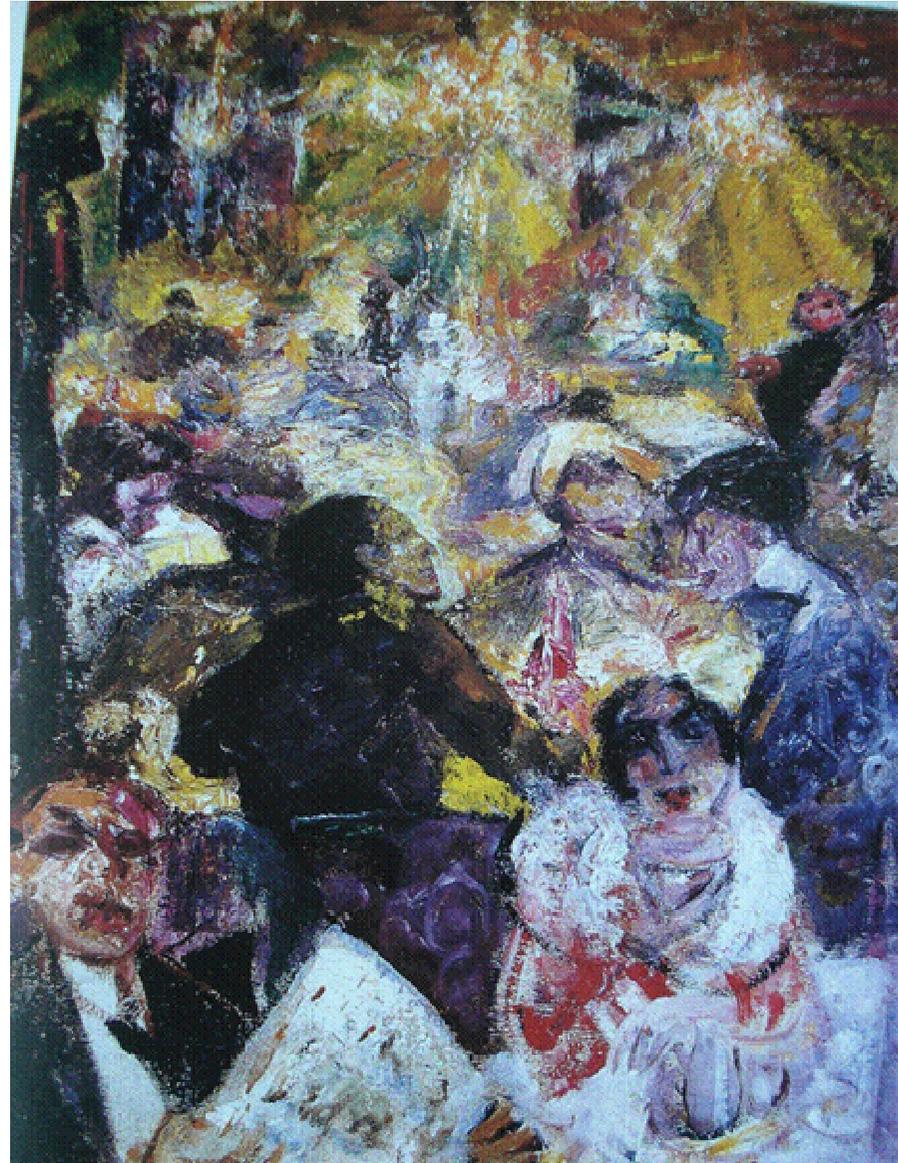
É possível acompanhar, na seleção, o caminho percorrido pela arte de Segall na Alemanha, desde a admiração inicial pelos impressionistas alemães até sua inserção no movimento expressionista, do qual participa ativamente como um dos “expressionistas eslavos”, ao lado de Chaim Soutine e Marc Chagall. A emigração para o Brasil, em 1923, promove significativa mudança de rumo nessa obra, inaugurando sua “fase brasileira”.

Biografia – os primeiros anos até 1919

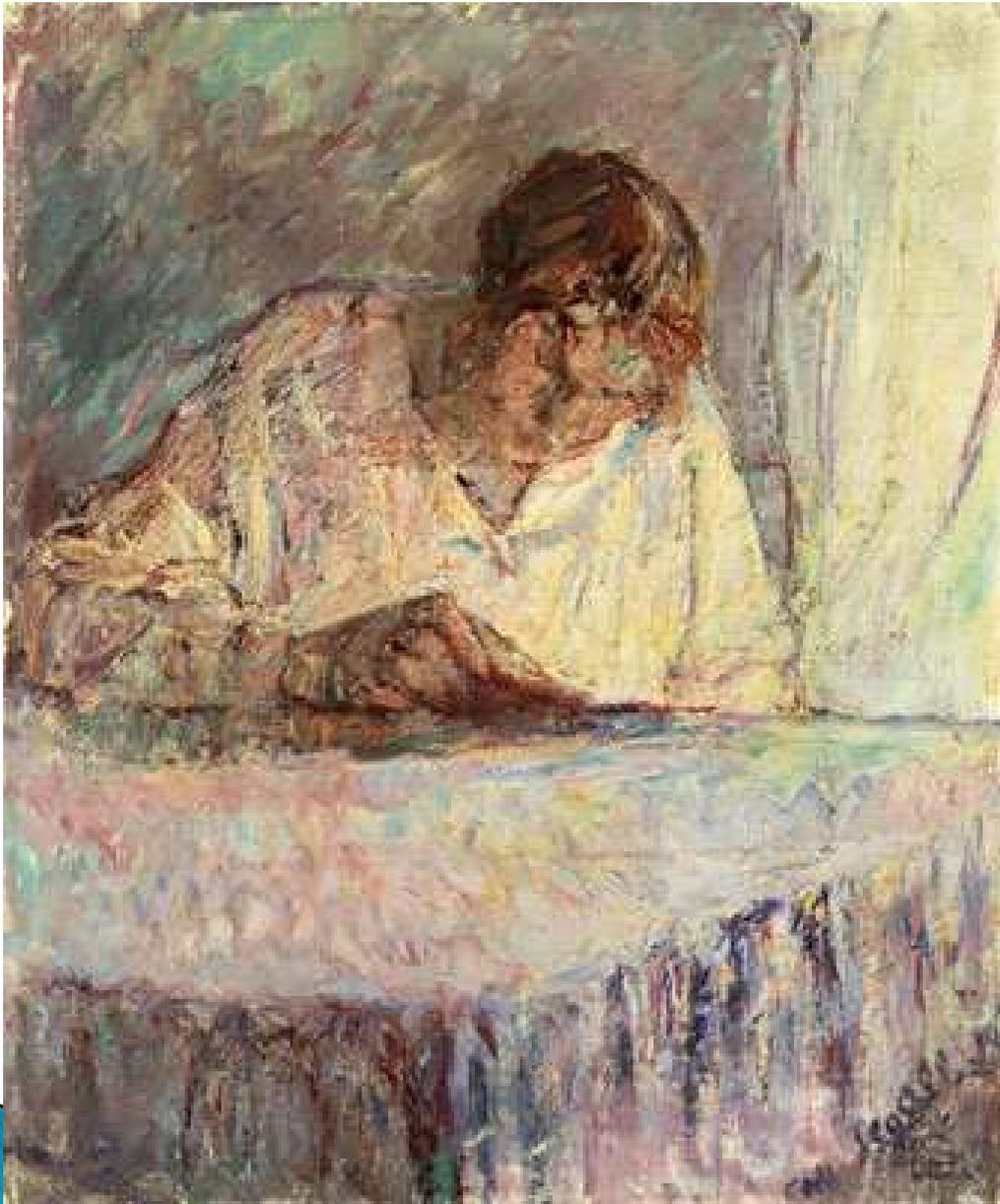
De família judia, Lasar Segall desde cedo manifestou interesse pelo desenho. Iniciou seus estudos em 1905, quando entrou para a Academia de Desenho de Vilna, Lituânia, sua cidade natal. No ano seguinte, mudou-se para Berlim, passando a estudar na Academia Imperial de Berlim, durante cinco anos. Mudou-se, a seguir, para Dresden, Alemanha, estudando na Academia de Belas Artes.

Em fins de 1912, Lasar Segall veio ao Brasil, encontrando-se com seus irmãos, que moravam aqui. Realizou suas primeiras exposições individuais em São Paulo e em Campinas, em 1913, mas regressou à Europa, casando-se, em 1918, com Margarete Quack.

Fundou, com um grupo de artistas, o movimento **Secessão de Dresden**, em 1919, realizando, a seguir, diversas exposições na Europa.



Café ao ar livre, 1911
0,56 x 0,46cm



Lasar Segall

Leitura, c.1913
óleo sobre papelão
66 x 56 cm

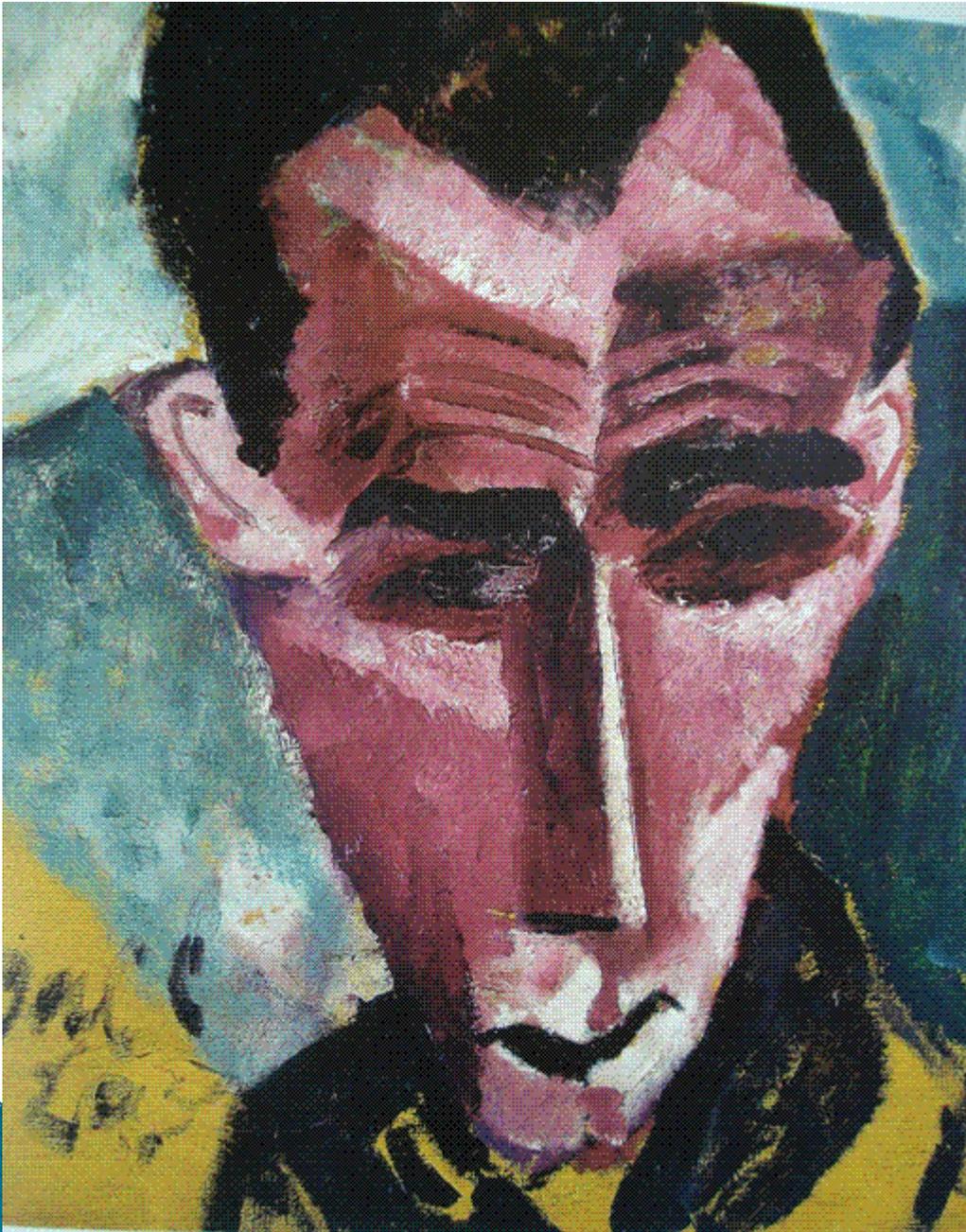


Lasar Segall
Autorretrato, c.1914
tinta preta a pincel sobre
papel

22 x 21 cm

Lasar Segall
Eternos caminhantes, 1919
óleo sobre tela
138 x 184 cm





Retrato do violinista Striener, 1915.
0,47 x 0,44cm.

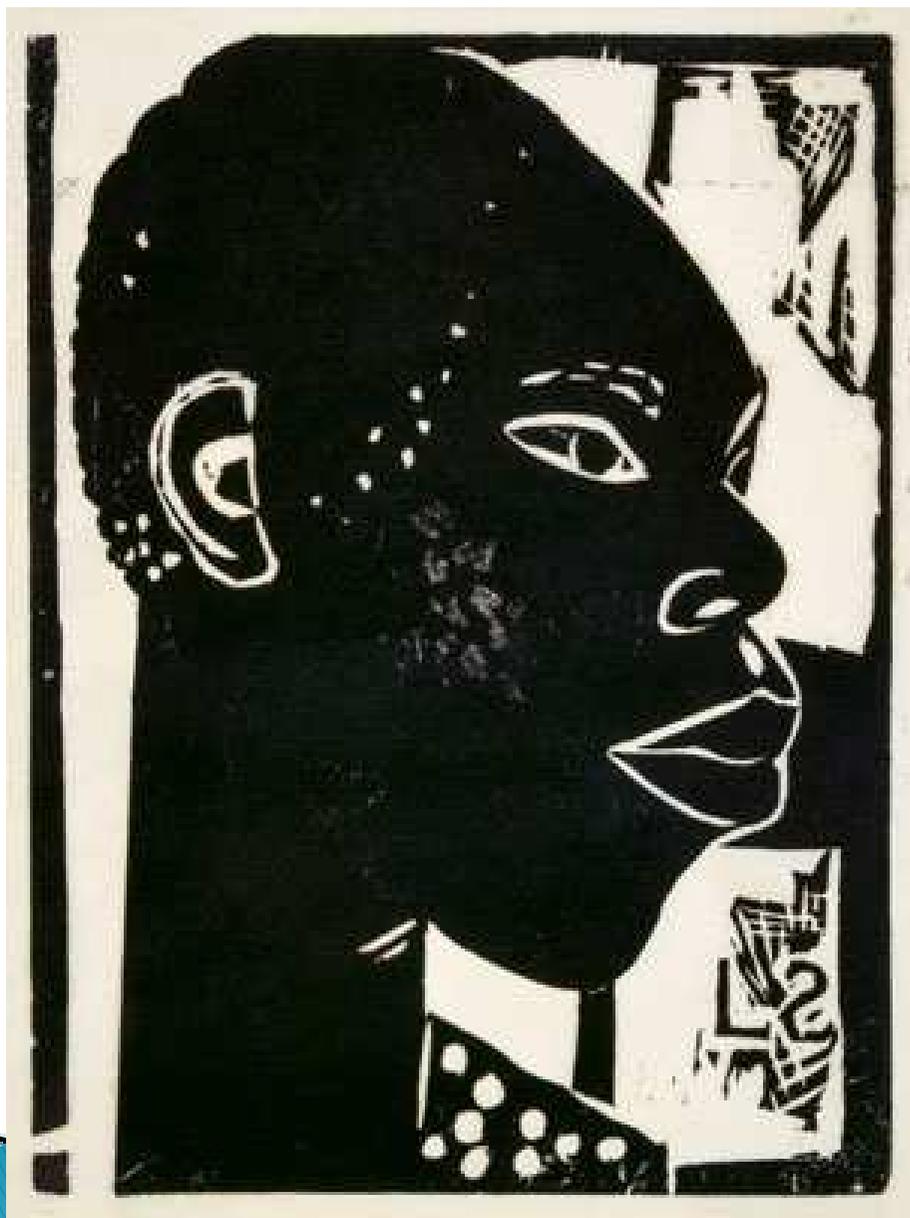
Segall mudou-se para o Brasil em 1923, dedicando-se, além da pintura, às artes decorativas como era conhecido. Contudo, foi aqui que, segundo suas próprias palavras, sua arte conheceu o "milagre da luz e da cor". Criou a decoração do Baile Futurista, no Automóvel Clube de São Paulo, e os murais para o Pavilhão de Arte Moderna de Olívia Guedes Penteado.

Já separado de sua primeira esposa, casou-se em 1925 com Jenny Klabin, com quem teve os filhos Maurício e Oscar. Nessa época, passou a viver com a família em Paris, onde se dedicou também à escultura. Suas obras nessa fase remetem à atmosfera familiar e de intimidade.

Em 1932, Segall retornou ao Brasil, instalando-se em São Paulo na casa projetada pelo arquiteto Gregori Warchavchik, seu cunhado, atualmente, o **Museu Lasar Segall**.

Sua produção na década de 1930 incluiu uma série de paisagens de Campos do Jordão e retratos da pintora Luci Citti Ferreira. Em 1938, Segall realizou os figurinos para o balé "Sonho de uma Noite de Verão", encenado no Teatro Municipal de São Paulo.





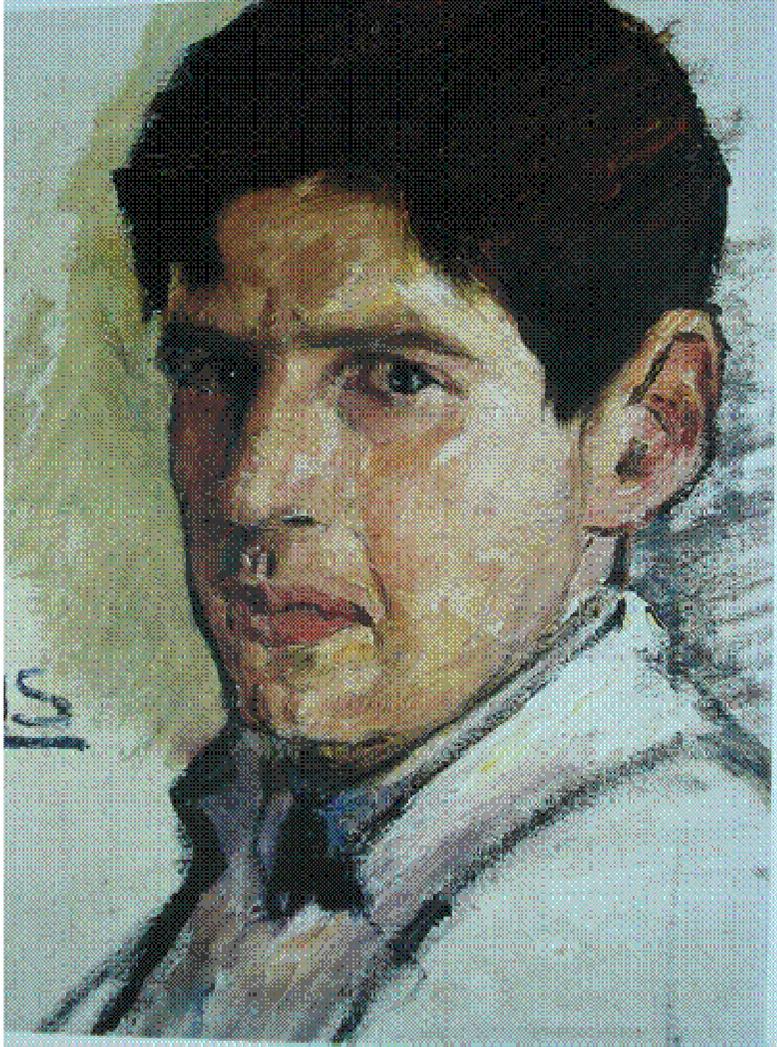
Lasar Segall
Cabeça de negro, 1929
xilogravura sobre papel
20 x 15 cm

Lasar Segall
Cabeça de marinheiro e chaminés, c.1930
ponta-seca sobre papel
22 x 28 cm

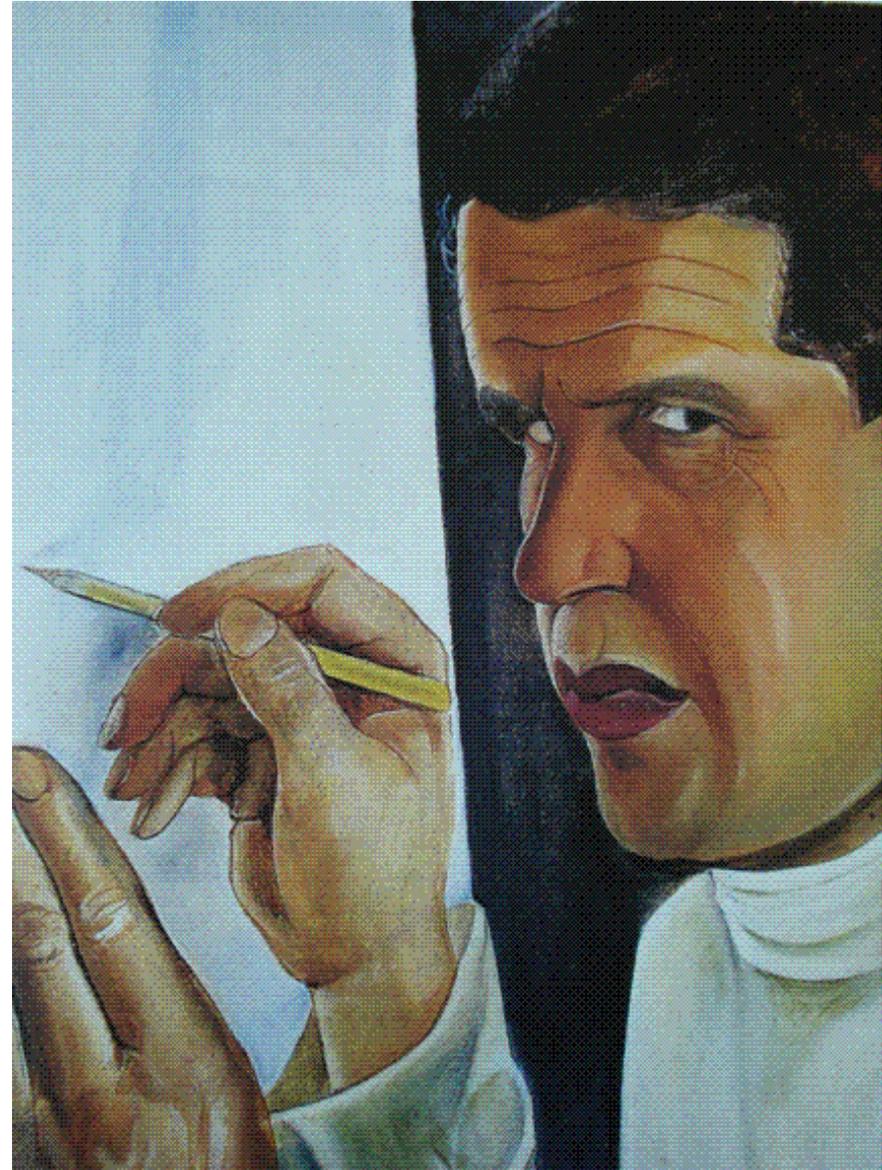




Lasar Segall
Maternidade, 1935
bronze
56 x 40,5 x 44 cm



Auto-retrato



Auto-retrato III, 1927 - 50 x 0,39cm.



Morro Vermelho, 1926. 1,15 x 95 cm.

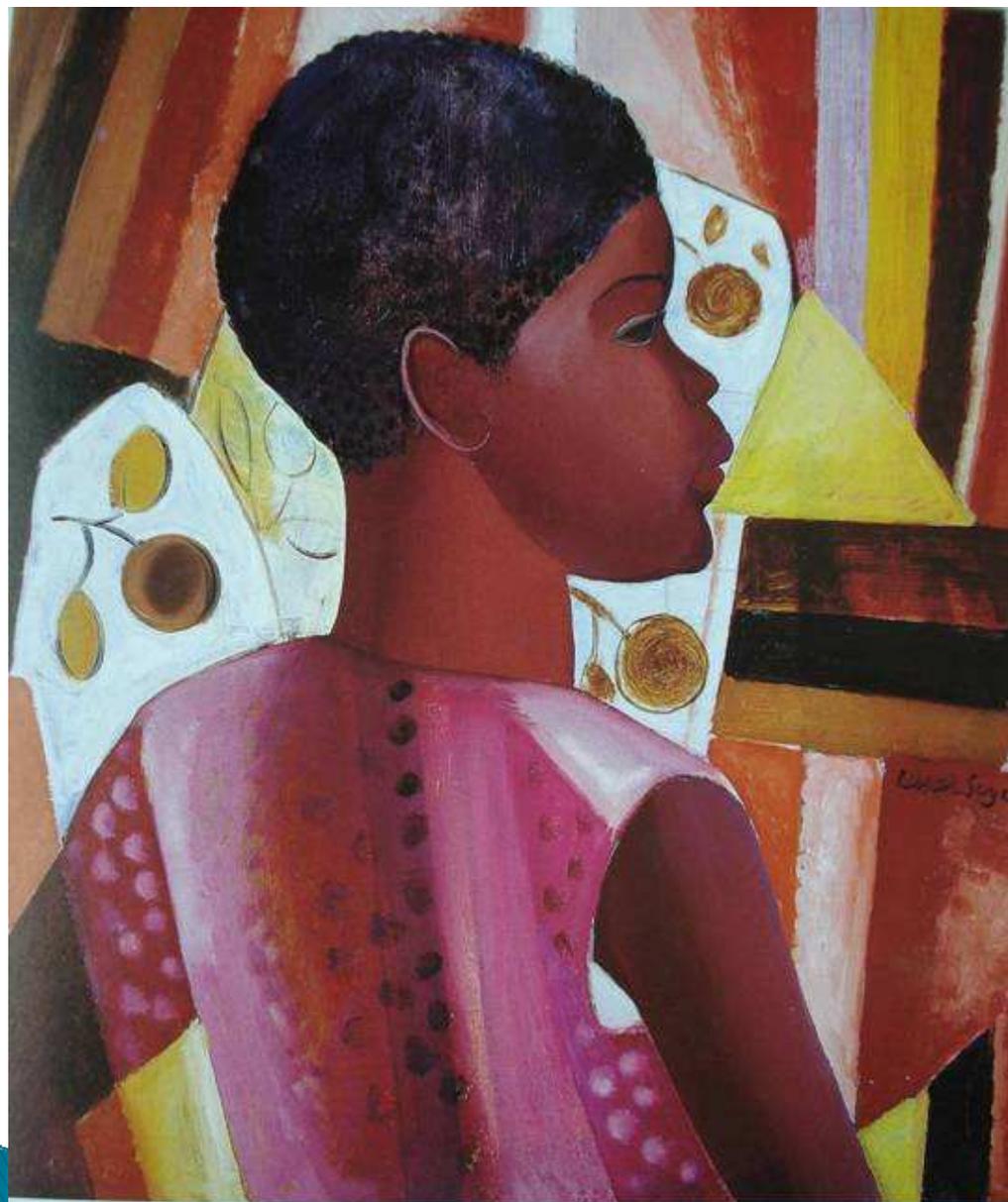
Morro Vermelho.
Negra com o filho no
colo, tendo ao fundo
uma paisagem tropical.

É violento o contraste
entre a composição fria,
que remete às madonas
da Idade Média, e as
cores quentes dos
trópicos.

Dois Nus, 1930.
100 x 73cm.



- Segall descobre a prostituição nas ruas, as favelas e, mais tarde, o sexo moreno nos mocambos (**Dois Nus**, de 1930). Curiosamente, comparando **Dois Nus** com o quadro que retrata a família do pintor (a mulher e os dois filhos), é possível observar que a posição do negro sentado na cama não difere em nada da posição da mãe em **Família do Pintor** (1931).
- As figuras desse quadro transcendem suas circunstâncias biográficas para, juntas, encarnarem o próprio conceito de família. Da mesma forma, o homem de **Dois Nus** não seria um indivíduo, mas um tipo, o representante de uma raça, nas pinturas que atestam as características raciais dos retratados.
- O realismo sintético de suas figuras de negros, atesta que Segall não ignorava a produção de outros artistas que em São Paulo tentavam constituir uma arte brasileira, ao mesmo tempo moderna e brasílica.



Perfil de Zulmira, 1928.
62,5 x 54cm.



Zulmira, 1925.
42 x 32 cm. Desenho.

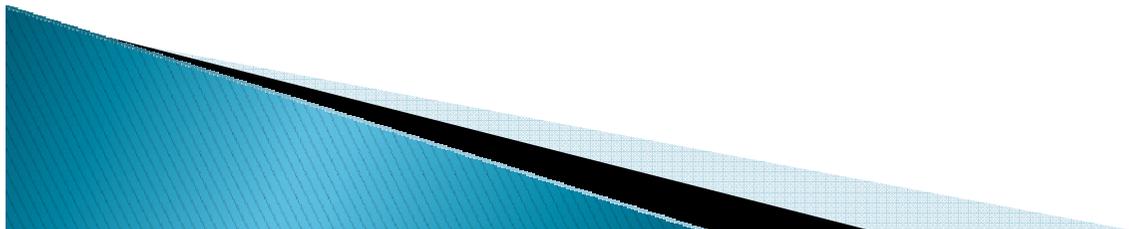
Segall e Tarsila

- ▶ Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, são outros dois expoentes do modernismo brasileiro.
- ▶ Embora solucione a questão figura-fundo de forma diferente de Segall, Tarsila também estabelece uma base ornamental para a sua pintura.
- ▶ Esse diálogo do pintor estrangeiro com a cena modernista paulistana fez com que ele sublinhasse o colorido das figuras e dos fundos ornamentais. Os retratos dos negros brasileiros estão entre as mais significativas obras de sua produção, por serem verdadeiras alegorias do País.
- ▶ Ao ser recepcionado por Mário de Andrade como um aliado na construção de uma arte brasileira, ele abandonou o expressionismo e respondeu, de maneira viril, positiva, a essa demanda.



Realismo e Abstracionismo

- ▶ Como mostra a história da arte, os expressionistas alemães amigos de Segall foram estimulados pela visão dos quadros realistas de Millet e Courbet - e a tela *Leitura* (1914) de Segall é muito semelhante ao retrato que Courbet fez de Baudelaire em 1848 para essa convergência ser desprezada.
- ▶ Mário de Andrade, um dos primeiros a reconhecer seu valor, não aceitava bem as influências do artista, especialmente quando essas eram provenientes de uma fonte ligada ao abstracionismo (Segall manteve correspondência regular com o amigo Kandinski).
- ▶ As deformações e os volumes da tela *Morro Vermelho* (1926) foram, por exemplo, condenados por Mário: *É das soluções mais falsas do artista*, escreveu.



Realista ou expressionista?

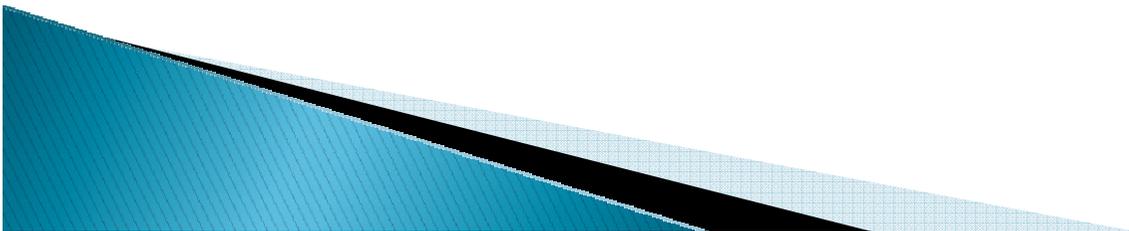
- ▶ **Alegoria** - deslocando a figura da mãe negra e da criança para os esquemas da pintura religiosa tradicional, Segall estaria propondo uma **alegoria**, o que não o caracteriza como expressionista típico.
- ▶ O senso comum, no entanto, sempre identificou Segall como expressionista, por ter ajudado a fundar, junto aos alemães Otto Dix e Conrad Felixmüller, entre outros, o **Grupo da Secessão de Dresden** (1919).
- ▶ As obras dessa primeira fase brasileira - anos 1920 - atestam, segundo o curador, a aclimatação do pintor a uma situação mais realista, *distante de suas pinturas da década anterior*. Não seria possível enquadrar uma tela como **Encontro** (1924) - que mostra o encontro fortuito de um casal na metrópole - no passado expressionista de Segall, argumenta.



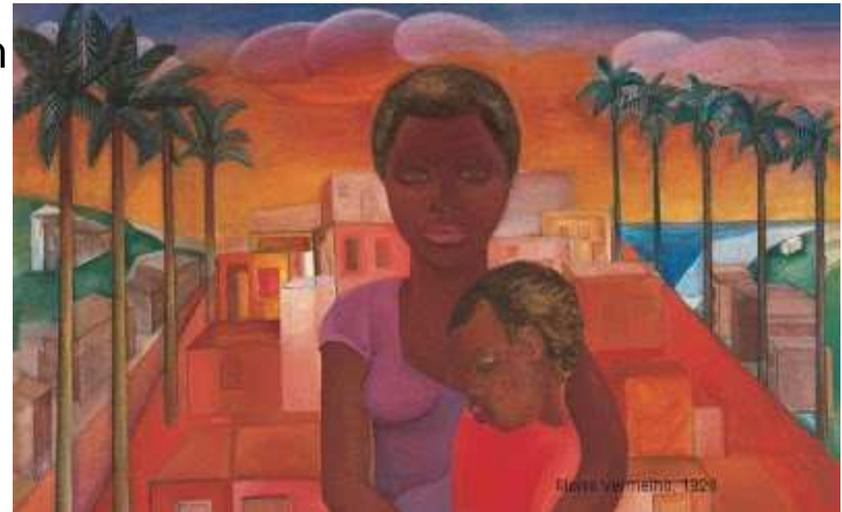
Superando o expressionismo europeu

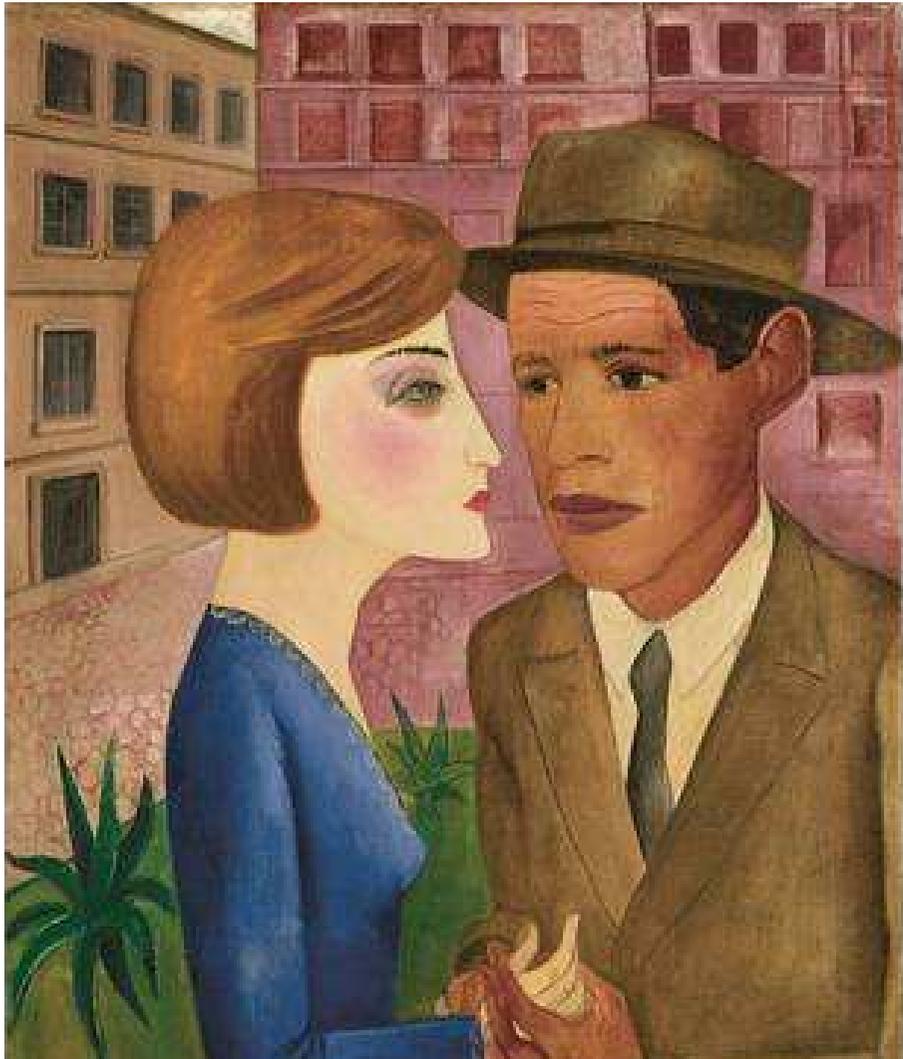
- Mário de Andrade não se deu conta de que a pintura de Segall passava, então, por uma série de mudanças e superações. Um pintor imigrante num país novo, com uma arte moderna ainda no berço, só poderia mesmo tentar superar o expressionismo europeu, trocando a paixão pela sobriedade dos ocres e marrons que caracterizariam sua obra.

Há apenas uma pequena parte da obra produzida na Alemanha na mostra. São gravuras da época de Secessão de Dresden. O Museu Segall acaba de completar 40 anos com um acervo de 3 mil obras (ele produziu praticamente o dobro, mas isso só vai se saber quando o catálogo raisonné for lançado).

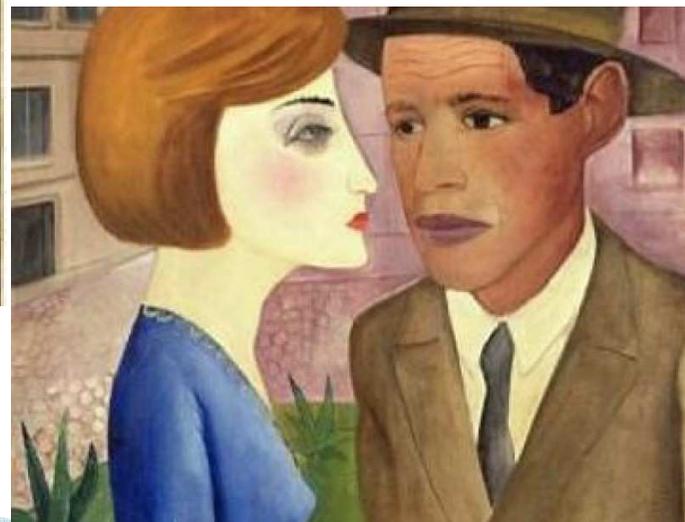


- Note-se seu interesse particular pela **natureza tropical, pela arquitetura das favelas e pelos tipos humanos, principalmente os negros, exóticos ao olhar europeu.**
- Nos ambientes íntimos, como em seu ateliê em Campos do Jordão, ele produziu pinturas sensuais, de colorido único, qualificadas como “a cor Segall”.
- Os problemas sociais e políticos também receberam sua atenção, sobretudo durante a Segunda Guerra, quando ele criou pinturas de grandes dimensões.
- Na última década de vida, Segall retomou temas anteriores, encerrando sua trajetória com as séries “Florestas”, “Erradias” e “Favelas”.





Óleo sobre tela '**Encontro**' (1924). O autorretrato é o primeiro e mais forte símbolo da integração de Segall à vida brasileira



Patinadores, 1912.
0,64 x 0,61cm.



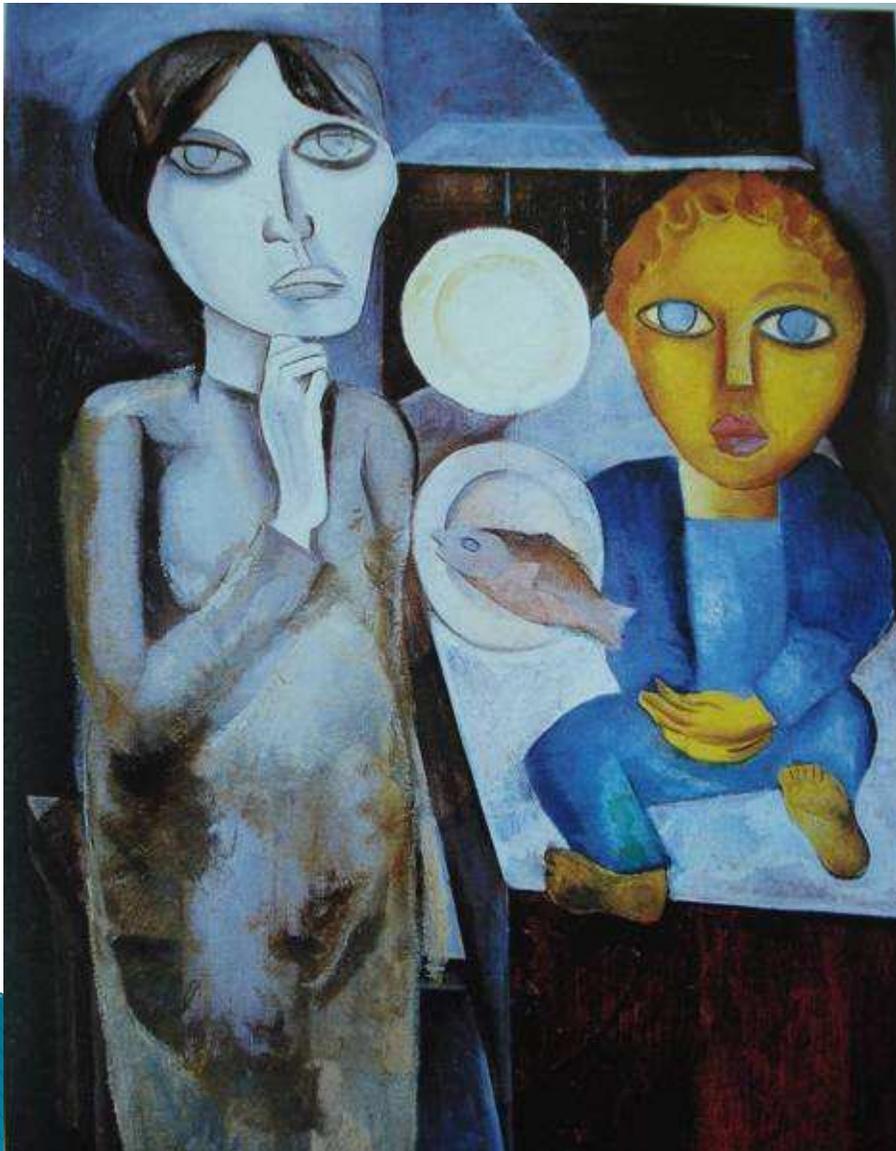


Aldeia russa, 1912. 0,62 x 0,85cm.

Aldeia russa I,
1913. 0,72 x 0,65cm.

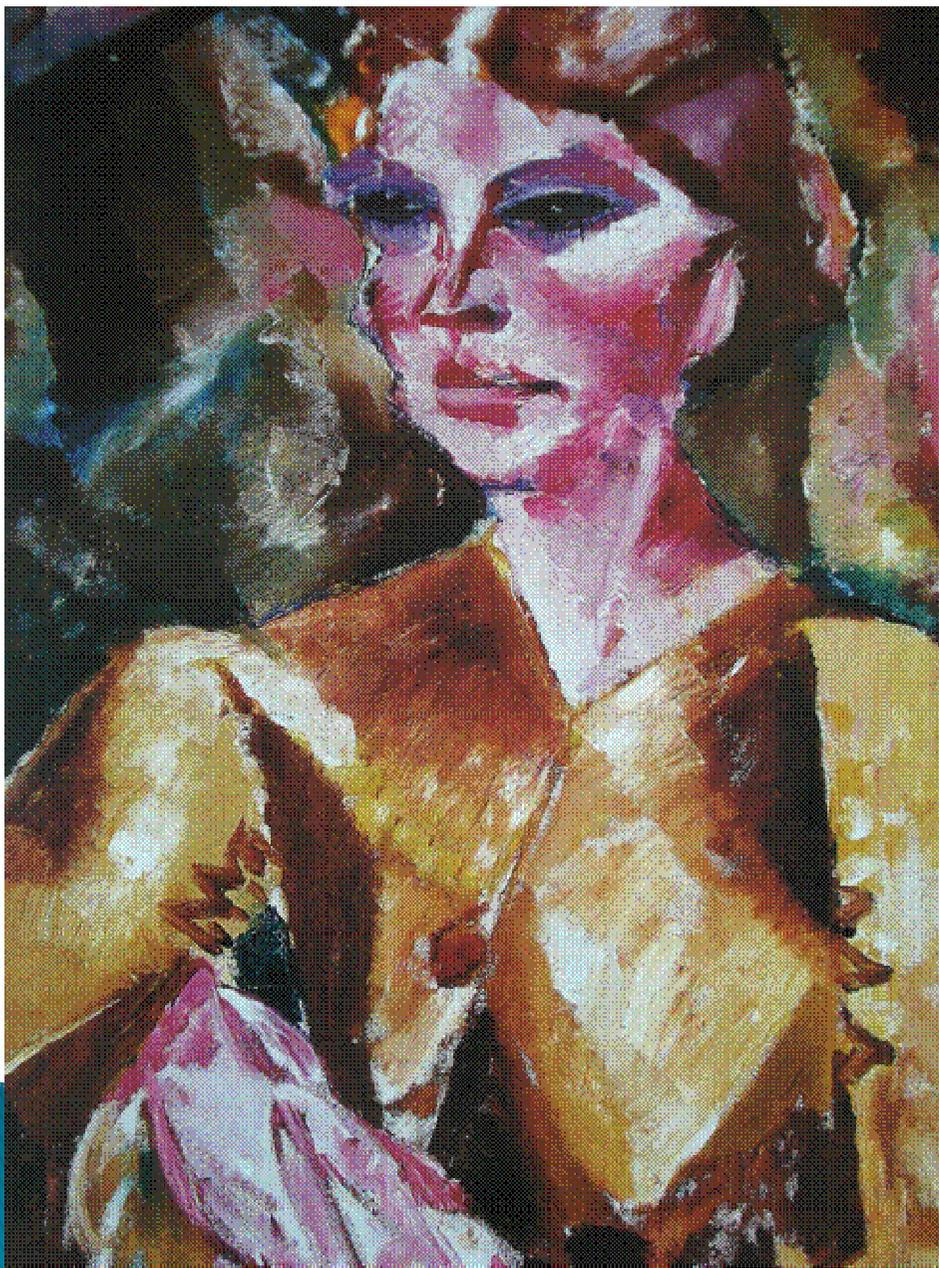


Viúva e filho, 1920.
94,5 x 71,5cm.



Interior de indigentes, 1920.
85 x 70cm.

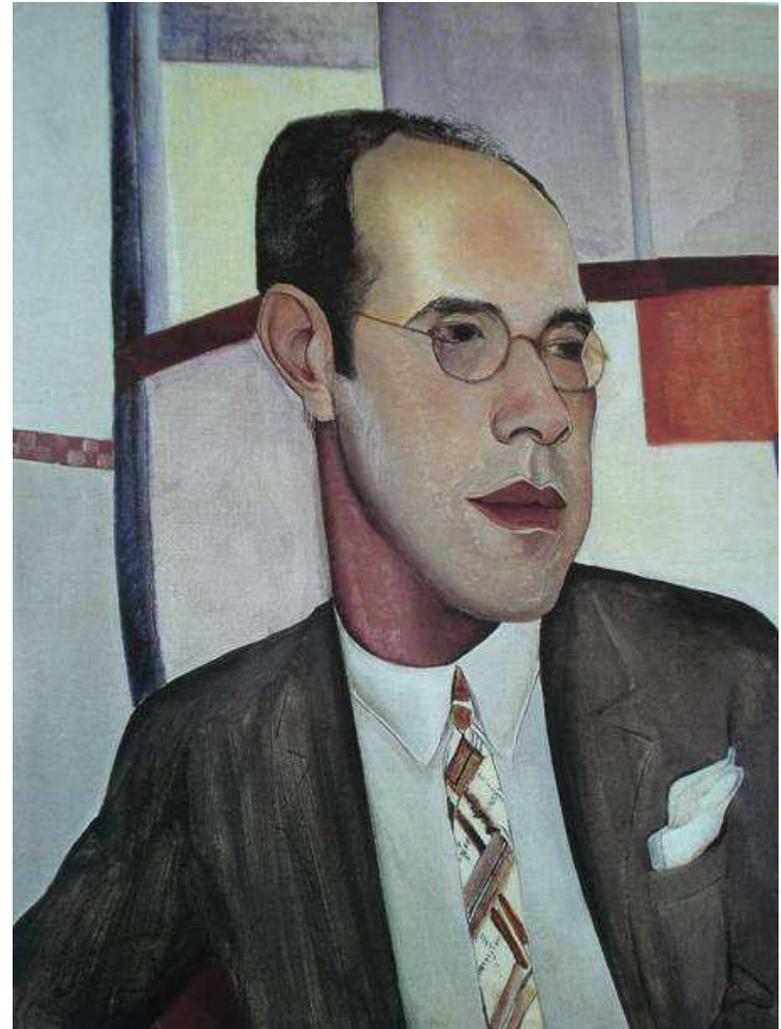
Margarete, 1913. 0,70 x 0,50cm.



**Duas amigas, 1913.
0,85 x 0,79 cm.**



Retrato de Baby de Almeida, 1927. 0,74 x 61cm.



**Retrato de Mário de Andrade, 1927.
0,72 x 60cm.**

Gestante, 1919. 90 x 113cm.



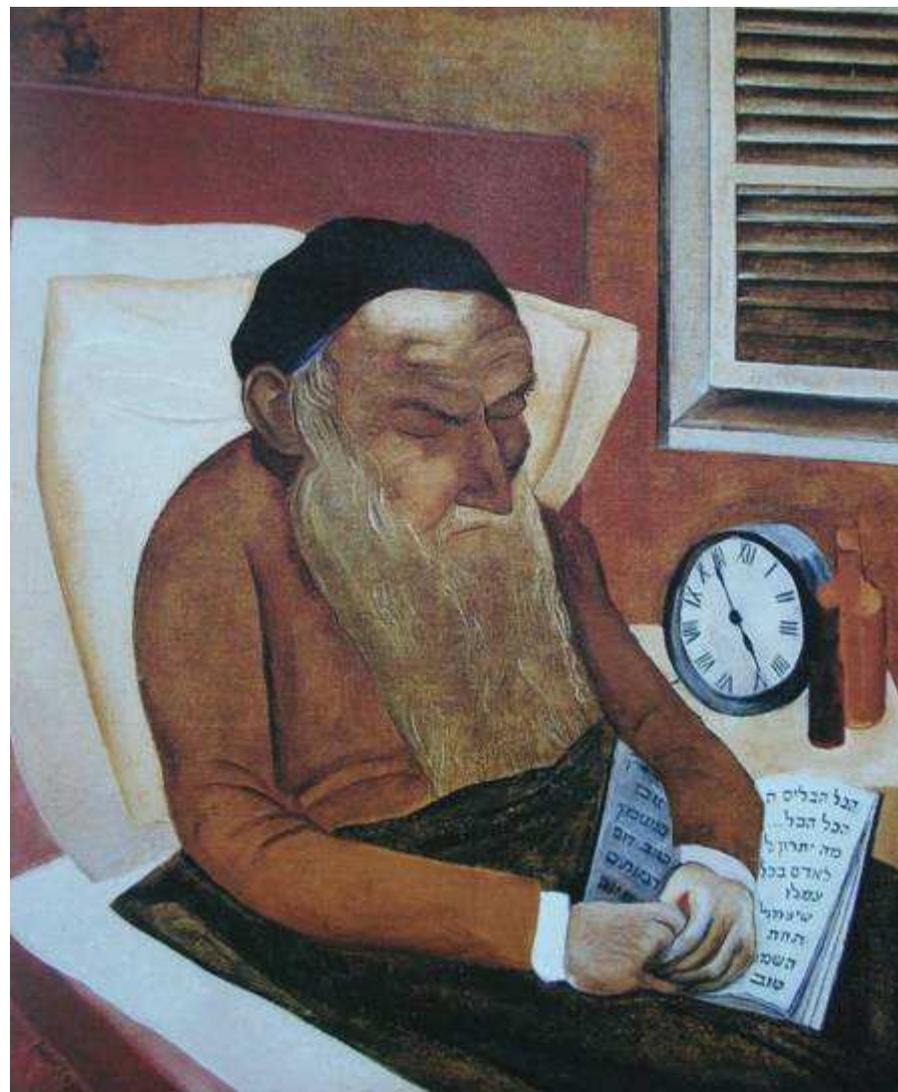
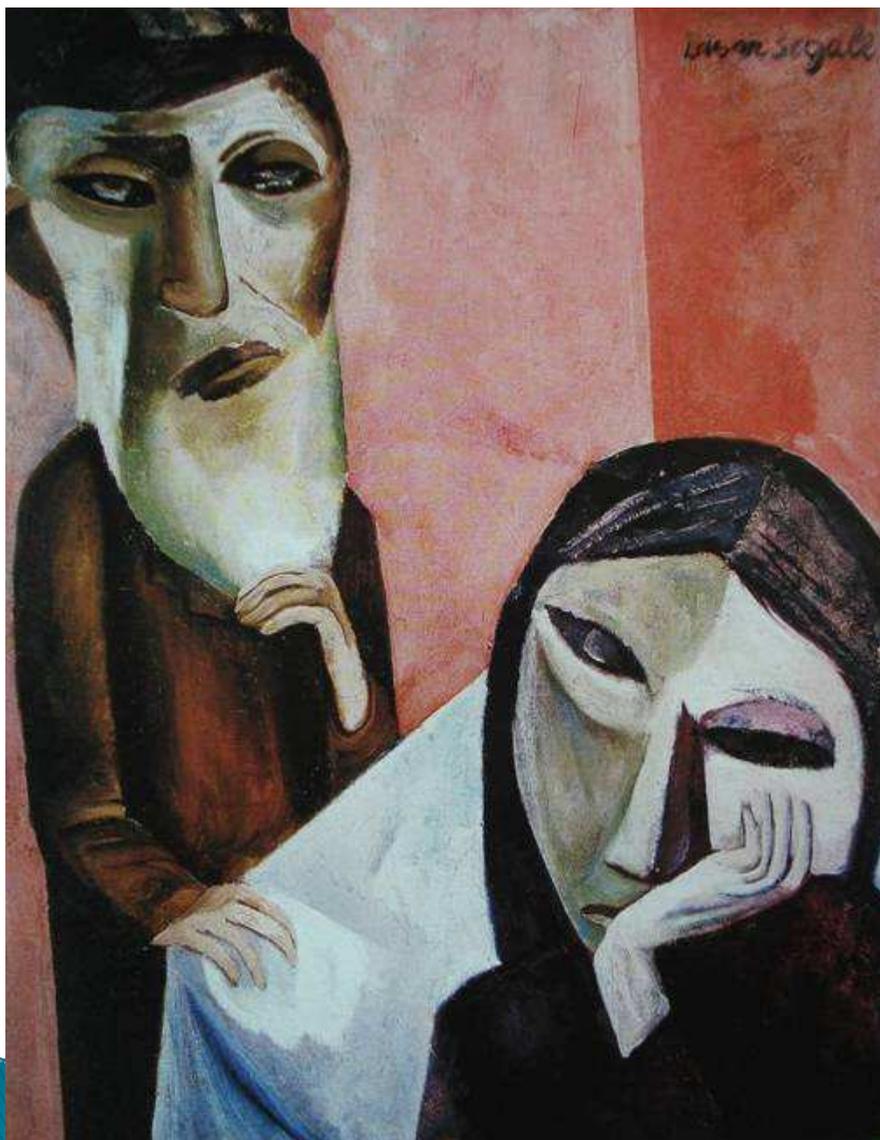
Interior de pobres II, 1921. 1,40 x 1,73cm.



Modernismo brasileiro

Contribui para o modernismo com seu olhar libertado da perspectiva renascentista tradicional, impondo uma composição plana, ritmada como nestas severas linhas curvas e retas que preenchem todo espaço da tela com as folhas de bananeiras. Recorta a figura do menino com as lagartixas, destacando-o do fundo da composição pelas cores terra da pele e o rosa da camiseta. A cor ocre dos animais evidencia pela luminosidade intensa os dedos geometrizados do menino mulato que acaricia os animais, criando um clima de convivência – surreal, quase impossível. Esta união dos reinos animal, humano e vegetal ganha um clima de musicalidade ritmada pelos recortes constantes das folhas que preenchem todo plano de fundo.

Meus avós, 1921.
90 x 73,5cm.



Velhice, 1924.
79 x 67cm.

Mulata com criança, 1924.

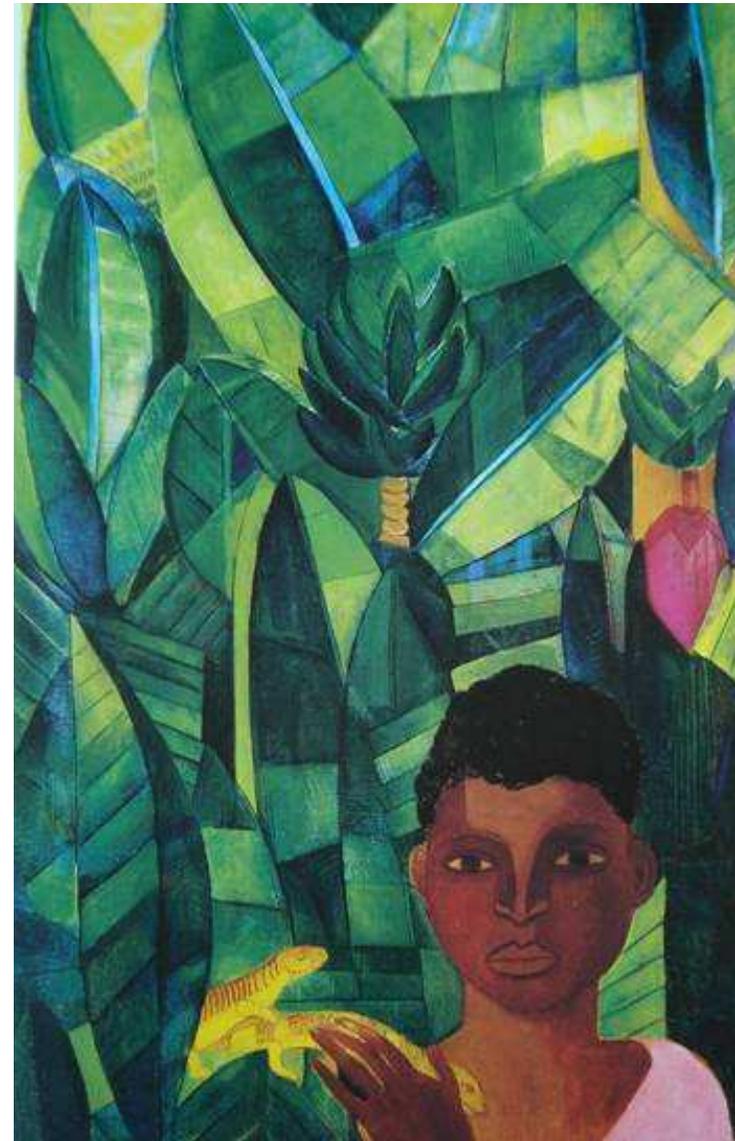
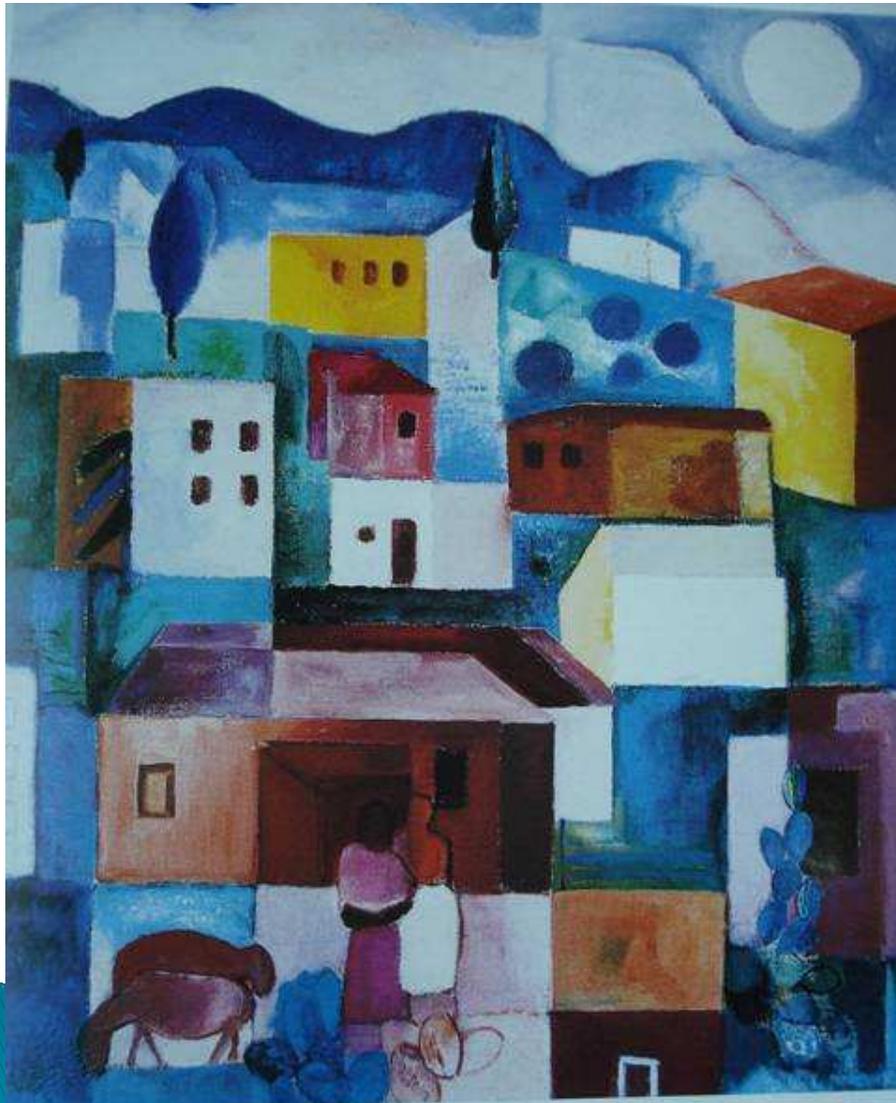
68,5 x 55,5cm



Morro vermelho, 1926.

1,15 x 95 cm.

Paisagem brasileira, 1925.
64 x 54cm.



Menino com lagartixas, 1924.
98 x 61 cm.

Análise - Menino com lagartixas, 1924

Óleo sobre tela, 98 x 61 cm/ Museu Lasar Segall

O artista lituano Lasar Segall foi um dos responsáveis pela introdução do expressionismo no Brasil no início dos anos 20 no tempo do movimento modernista em São Paulo. Ele era judeu-russo e pintou durante toda vida os sofrimentos de seu povo, perseguido durante as guerras europeias. No Brasil contribuiu para a “brasilidade” – fruto da convivência e mestiçagem racial e cultural dos povos que formam a cultura brasileira incluindo os imigrantes e não apenas os portugueses, índios e negros. Olhou o novo país sem o deslumbramento das cores fáceis e temas banais. O homem e sua condição sempre foi o tema de Segall. A família, a lembrança da terra natal pintadas com cores sombrias, dão lugar aos poucos às novas paisagens tropicais. Novas cores mais claras se fundem em um só sentimento de perda do passado e busca de nova vida em terras brasileiras.

(análise de Percival Tirapeli)



1943 – Retrospectiva MNBA

Uma retrospectiva de sua obra no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, foi realizada em 1943. Nesse mesmo ano, foi publicado um álbum com textos de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Jorge de Lima.

Em 1951, Segall realizou uma exposição no Museu de Arte de São Paulo. Três anos depois, criou os figurinos e cenários do balé "O Mandarim Maravilhoso".

O Museu Nacional de Arte Moderna preparou uma grande retrospectiva de sua obra em 1957, em Paris. Lasar Segall morreu nesse mesmo ano, de problemas cardíacos, em sua casa aos 66 anos de idade.

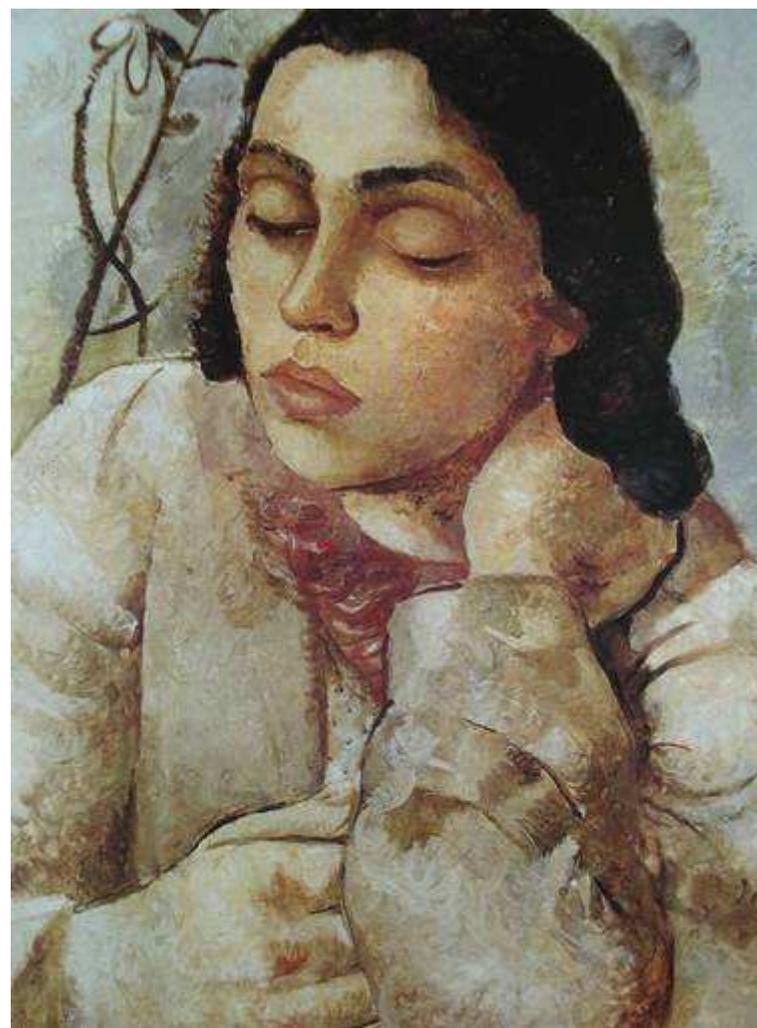


Do caderno *Visões de Guerra*,
1940-43
(desenho)

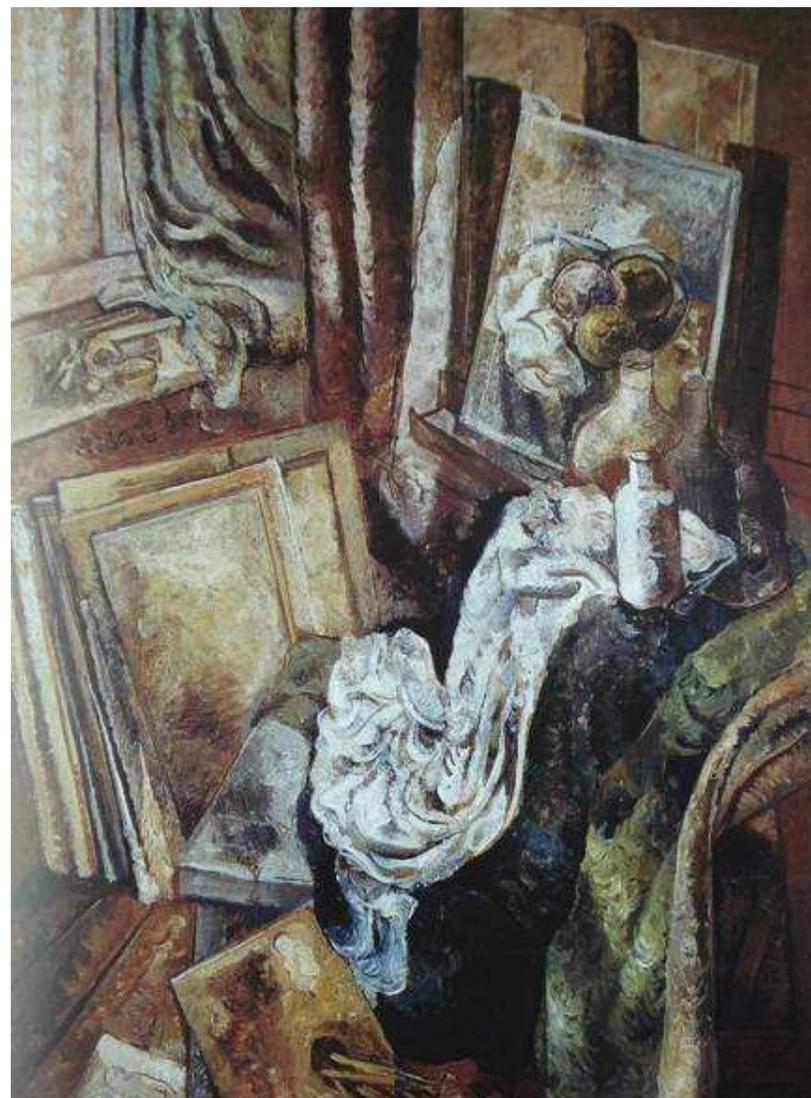


Retrato de Lucy VI, 1936.
58 x 40cm.
Museu de Arte Moderna de Paris
(Centre Georges Pompidou)

Lucy com os olhos baixos, 1936.
65 x 46cm.



Vaso branco, 1935.
65 x 46cm.



Recanto do atelier, 1938.
1 x 0,73 m.

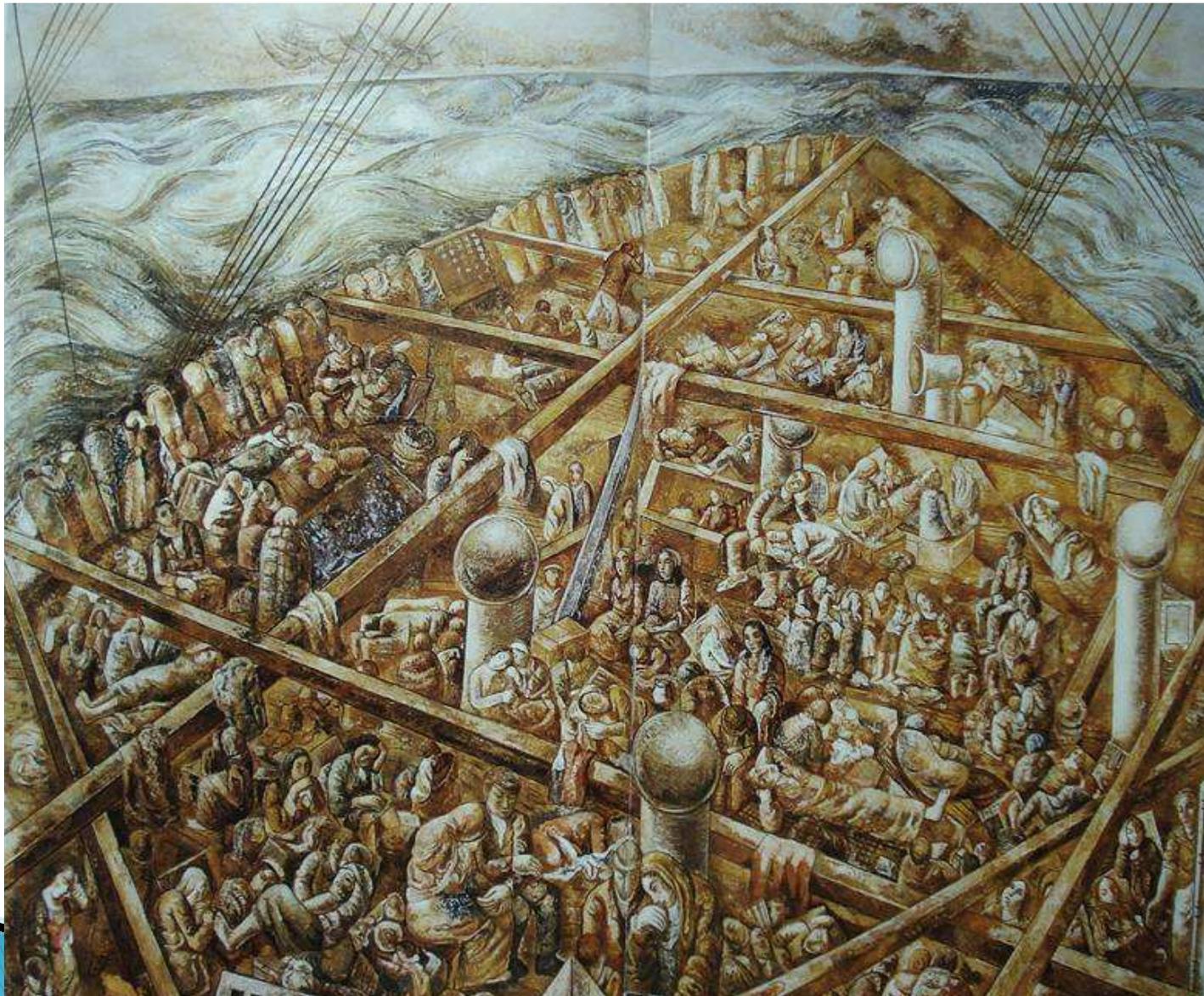
**Mercado de
Campos
do Jordão, 1941.**
47 x 55cm.



Segall pintando o *Navio dos Emigrantes*

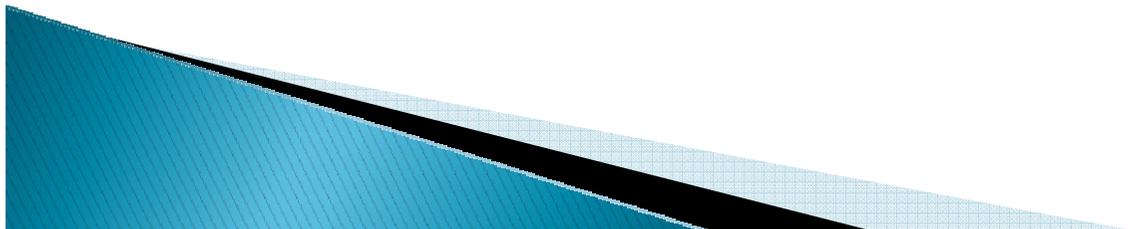


Navio dos Emigrantes, 1939-41
2,30 x 2,75cm.



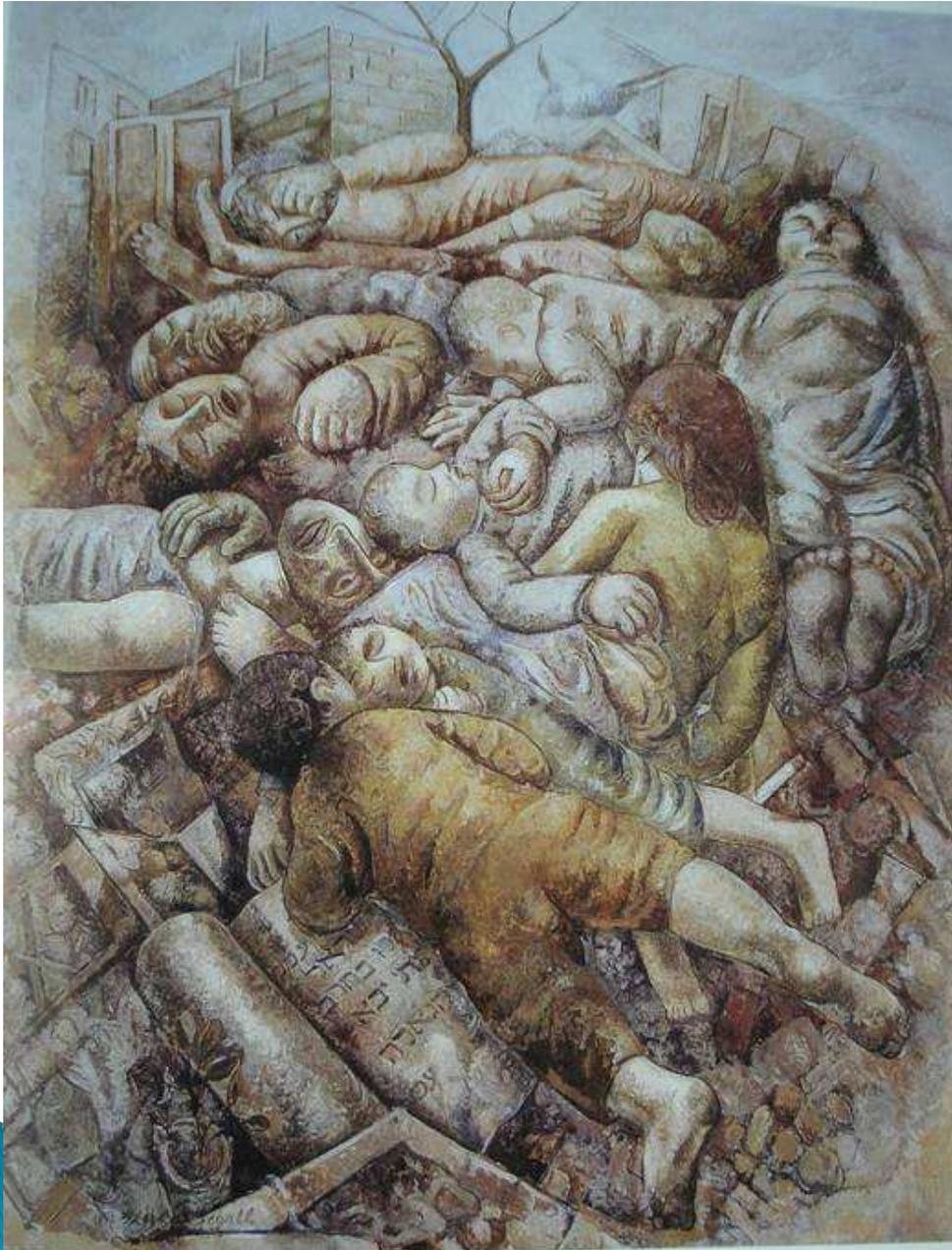
Tentação abstrata

- ▶ Em abril de 1944, em plena guerra, o sociólogo francês Roger Bastide (1898-1974) escrevendo nas páginas do Estado sobre a tela *Pogrom*, pintada em 1937 por Lasar Segall (1891-1957), fez uma curiosa observação:
- ▶ o artista recusara o retângulo do quadro para que o olhar do espectador fosse dirigido impiedosamente para o centro da tela, ocupado por corpos de judeus massacrados, amontoados e “ fraternalmente misturados na morte”.





Lasar Segall
Floresta, 1957
aquarela e
guache sobre
papel
22,4 x 46 cm



Pogrom, 1937.
1,84 x 1,50m.

Interior no Mangue, 1949, 71 x 58cm



**Figura com reposteiro, 1954 ,
81 x 60 cm.**

Rua de Erradias I , 1956 - 116 x 147

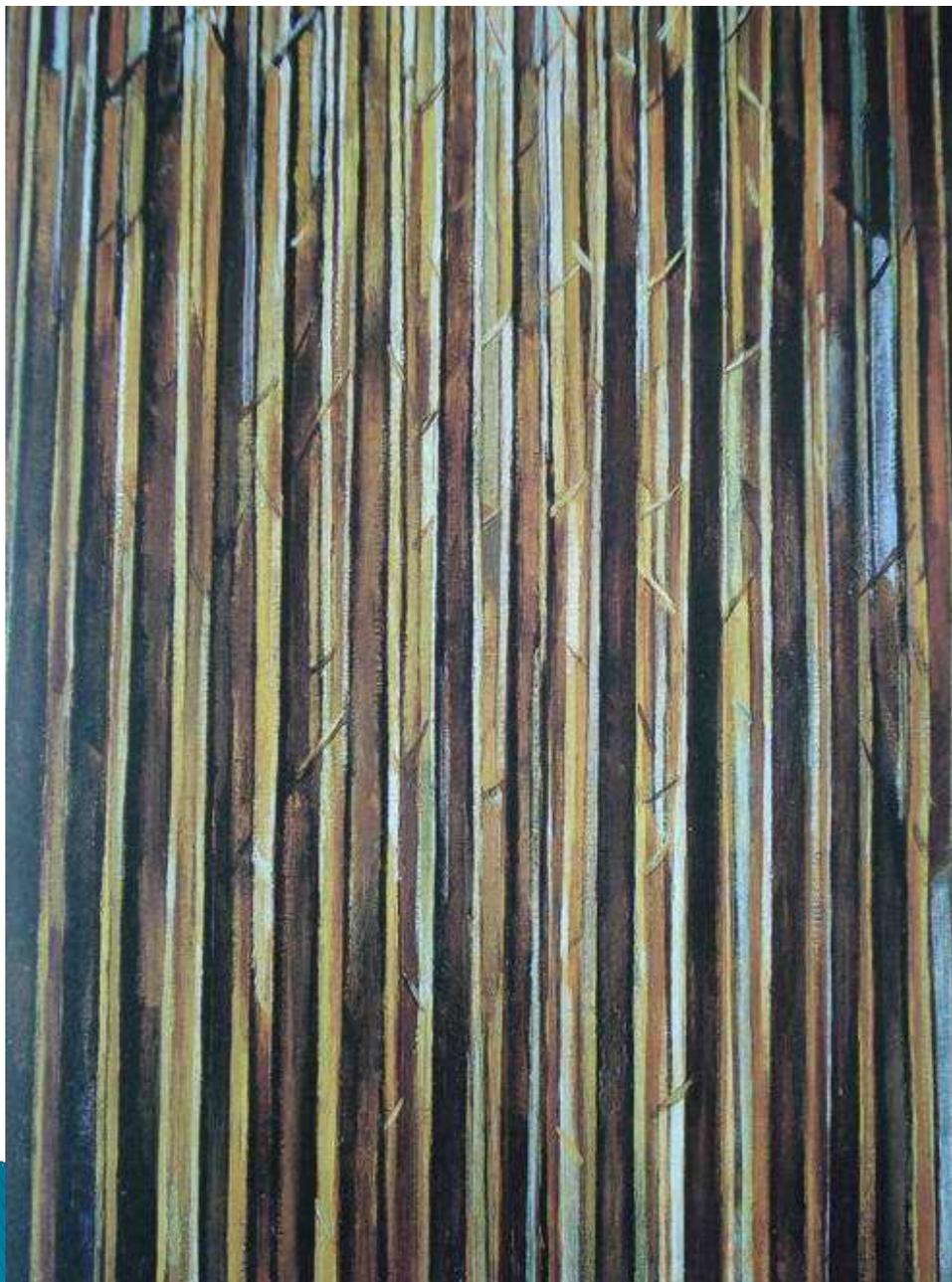


Se isso não é ser realista, então Mário de Andrade sempre esteve errado sobre Segall.

Em 1923, ano em que o russo desembarcou no Brasil e conheceu os modernistas, o autor de Macunaíma observou que Segall resistia à tentação abstrata por entender que a obra de arte “relaciona-se com a existência e, num elevadíssimo sentido, tem de ser moral”.



Luz na floresta, 1954 130 x 114cm



Floresta ensolarada, 1955
116 x 81 cm.

Cabeça de moça recostada,
Aquarela sobre papel

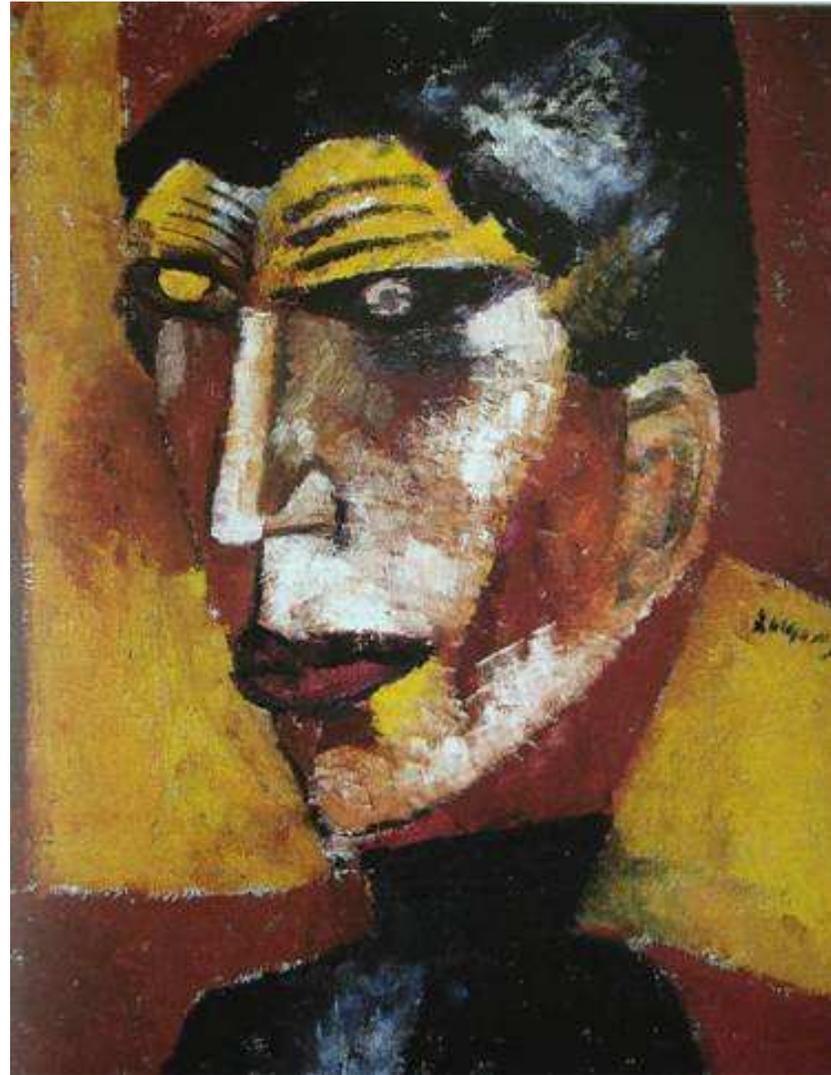


***Figura com pássaro*, 1955.
Guache sobre papel pintado**



Autorretrato II - 1919

Forte influência de máscaras africanas



Bibliografia

50 obras do acervo. São Paulo : Museu Lasar Segall, 2010. 64p. il. Organização Jorge Schwartz e Marcelo Monzani; textos de Vera d'Horta.